

riqueza a explorar

A Europa vive do turismo histórico resultante das descobertas arqueológicas, ou seja da Arqueologia clássica. Em Pernambuco, nos últimos oito anos, foi traçado um esquema desde o primeiro encontro do português com o índio até o período holandês. Toda essa riqueza está contida nos sítios arqueológicos. Resta agora criar uma infraestrutura capaz de manter, sempre em exposição, todo esse acervo.

Para Marcos Albuquerque, representante do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, para Arqueologia nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, é necessário o aproveitamento da Arqueologia, nesta Região, como incentivo ao turismo. "Não para vender peças, mas para mostrar os achados. Ora, se nos países distantes tem quem vá olhar os seus achados — ruínas dos templos gregos, das cidades soterradas etc., em Pernambuco é suficiente que seja feito um roteiro turístico com base no que já foi descoberto.

PRIMEIROS PASSOS

Segundo Marcos Albuquerque o primeiro passo deverá ser dado no sentido de desenvolver o turismo interno. Depois, é só partir para atrair o Sul e finalmente outros países.

— Mesmo no recifense já se sente aquela vontade de sair, passear, à procura de alguma coisa de novidade.

Isso o arqueólogo chegou a sentir quando estava fazendo escavações no Forte de Orange — visitado diariamente por uma média de 1.200 pessoas — ou em Catimbau (Buique), onde até barezinhos foram instalados nas proximidades da área que estava sendo explorada pelo arqueólogo. "As pessoas sentem uma irresistível atração por achados, tenho certeza"

Enquanto isso em Pernambuco — continua — nenhum ponto descoberto foi aproveitado até agora pelo turismo. A Feitoria de Cristovão Jacques, primeiro ponto de encontro entre europeu e

índigena em Pernambuco, toda reconstruída pelo arqueólogo, não mereceu nem mesmo um obelisco. Na verdade até a paisagem agrada e é relativamente perto do Recife, ali em Igarassu.

O Arraial Velho do Bom Jesus (conhecido como Sítio da Trindade) foi outro. Durante três campanhas arqueológicas, em anos subsequentes, Marcos Albuquerque traçou a área, fez o levantamento, localizou e abriu o fosso que circundava a Fortaleza de Matias de Albuquerque. De nada serviu tanto esforço: o fosso serve como depósito de lixo e nada de aproveitamento. No entanto, na época de sua abertura, a Prefeitura Municipal do Recife chegou a ceder operários. Trabalho em vão.

MAIS LUGARES ABANDONADOS

No Sítio de Tejucupapo foi também localizado por Marcos Albuquerque o fosso que circundava a fortificação. Baseado em dados arqueológicos e históricos chegou a reconstruir a paliçada. Hoje ninguém sabe onde fica isso.

Partindo para Fazenda Nova localizou inscrições ruprestres — aquelas feitas nas cavernas — marco deixado pelo homem pré-histórico. Em Catimbau (Buique) durante seus trabalhos, onde localizou cemitérios pré-históricos, chegou a receber uma média de 600 visitas e dois barezinhos foram armados na vizinhança.

Os sambaquis (montões de cascas de ostras misturadas a outros tipos de material que revelam traços de outras culturas) foram somente determinados. Pelo grande público só houve conhecimento através da imprensa falada e escrita.

Oito anos foram suficientes para seus achados arqueológicos, desde a pré-história que revelou cavernas habitadas há milhares de anos antes de Cristo, com seus esculpiamentos, e inscrições nas paredes de pedra.

Todo esse material coletado nas escavações tem, segundo Marcos Al-

buquerque, aproveitamento científico, cultural. Na Arqueologia é certo considerar que seja dada especial atenção à manutenção das áreas onde se localizam os sítios arqueológicos, que se cuide da urbanização, que se elaborem guias, publiquem-se folhetos e se organizem pequenos museus nesses locais onde os visitantes possam conhecer ao vivo, desde as ruínas aos achados tais como objetos de cerâmica e de pedra".

FOGO DE VISTA

Armando Laroche, coordenador do Museu de História Natural do Colégio Estadual de Pernambuco, é outro batalhador no campo da Arqueologia, onde realiza um trabalho quase anônimo. Oficializado mesmo nessa área é Marcos Albuquerque que vai dando a Laroche autorização, renovada anualmente, para pesquisar sítio após sítio, dentro do município de Bom Jardim, unicamente.

Ali, gasta Laroche seus trocados pois, os únicos Cr\$ 150,00 de que dispõe são dados pela Prefeitura de Bom Jardim. Por sua conta adquire material de escavação — pás, picaretas, enxadas —, filmes, metros e tenda onde acampa nos fins de semana, feriados e períodos de férias.

Até 58 viveu praticamente de Cinema. Participou do roteiro de alguns documentários importantes e chegou a receber prêmios e medalhas em Cannes. Entre eles, a Cruz de Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas da República Francesa. Arquivando tudo isso, partiu para o terreno da Arqueologia pela necessidade de preencher sua vida um tanto solitária, por gostar da matéria, de estudá-la e por sentir que naquela época, nesse terreno, Pernambuco ainda engatinhava.

Faz então um estágio na Universidade da Bahia junto ao professor Vicente Caldeiron e publica, logo em seguida, Nota Prévia sobre um abrigo funerário do Nordeste. Mais tarde, O Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo.

INÍCIO

Foi em Igarassu, nas vizinhanças da sua casa em Itapissuma, que começaram suas descobertas de um material que não chegou a estudar.

Obtendo do Patrimônio Histórico, através de Marcos Albuquerque, licença para trabalhar em Bom Jardim, onde delimitou num mapa vários sítios, partiu para "vasculhá-los", com relativa sorte, própria dos amadores. E foi classificando os pontos de referência: BJ-1 — Pedra do Caboclo; AP-1 — Abrigo Funerário do Acai (fora de Pernambuco, na Paraíba); BJ-2 — Lagoa da Casa, também em Bom Jardim; BJ-3 — Navio de Pedra; BJ-4 — Caverna Funerária do Anjico; BJ-5 — Caverna Funerária n. 2 do Angico; BJ-6 — Sítio das Grutas n.º 3 do Anjico; BJ-7 — Abrigo sob rocha no cercado do gado da Fazenda Paquevira; BJ-9 — Lajeado da Cachoeira do Rio Orobó; BJ-10 — CHE do Caboclo.

Parte do material colhido nessas pesquisas é enviada a um instituto para os Estados Unidos e França onde é submetida ao exame do carbono-14. Os achados classificados e estudados, na qualidade de guardião do União, o Professor Laroche, os deposita no Museu de História Natural do CEP.

Foi na última ocupação da Pedra do Caboclo, em Bom Jardim, que descobriu vestígios de ocupação pelo homem com datação correspondente a 1.700 anos depois de Cristo. No entanto, em alguns pontos suas descobertas já atingiram os 225 anos antes de Cristo.

Com todo carinho chegou a classificar a cerâmica encontrada em três: Brocotó, Orobó, Tracunhaém e Umburetama, utilizando como critério o sistema industrial e a forma seguida pelo homem primitivo.

Nem mesmo aqui tão perto, na rua da Aurora, esse material que ocupa prateleiras e vitrines do Gabinete de História Natural do Colégio Estadual vem sendo visitado por turistas e alunos de outros colégios.